

ITALO CALVINO, CENTENÁRIO Razões para o continuar a ler

Textos de Rita Marnoto, C. Veiga Ferreira, G. d'Oliveira Martins, Giulio Ferrone e J. Manuel Vasconcelos

PÁGINAS 7 A 11



JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS

JL

JOSÉ ANTÓNIO BANDEIRINHA
Távora no Tempo PÁGINAS 27 A 29

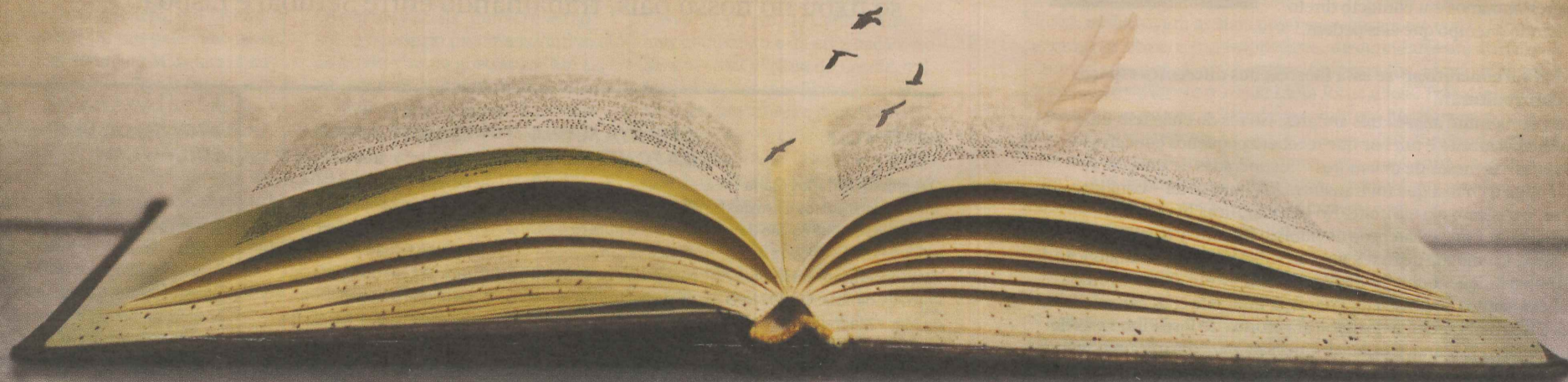
CARLOS FIOLHAIS
Hubert Reeves,
acrescentador de azul

PÁGINAS 32 E 33

Novo festival em Braga 'Utopia' com Literatura

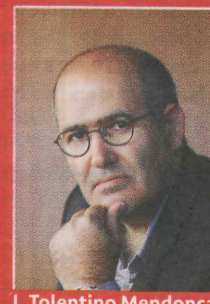
Nasce, de 2 a 12 próximos, um ambicioso encontro de escritores, e não só, nacionais e estrangeiros. Entrevistas com Martin Puchner, Karina Sainz Borgo e Afonso Cruz. Leituras: Miguel Esteves Cardoso por Rui Couceiro, Ludmila Ulitskaya por Larissa Shotropa, Horácio por Frederico Lourenço. Programação e destaques

PÁGINAS 12 A 20



Nélida Piñon

JL/Educação Os planos do Plano Nacional de Leitura, entrevista com a comissária, Regina Duarte
* **Pré-publicações:** Os prefácios de Lídia Jorge, a *Os rostos que tenho*, de Nélida Piñon, e de José Tolentino Mendonça, a *A mesa de Deus*, de M^a Lectícia Monteiro Cavalcanti * **Agenda Cultural**



J. Tolentino Mendonça

ITALO CALVINO, CEM ANOS

No passado domingo, 15 de outubro, passaram cem anos sobre o nascimento de uma figura importante da cultura italiana e europeia – ficcionista, ensaísta, editor, pensador, militante político desde a resistência ao fascismo –, que faleceu a 19 de setembro de 1985. A data tem sido assinalada em vários países, é-o neste Tema e sê-lo-á em Coimbra, na Faculdade de Letras, nos próximos dias 26 e 27, com intervenções de docentes universitários italianos e portugueses, entre estes Ana Paula Arnaut, Marisa Neves Henriques, António Pedro Pita, Osvaldo Silvestre e Rita Marnoto – esta, nossa colaboradora, prof^a catedrática, que ensina Literatura Italiana e é a organizadora do encontro

Os trabalhos e os dias de um espectador

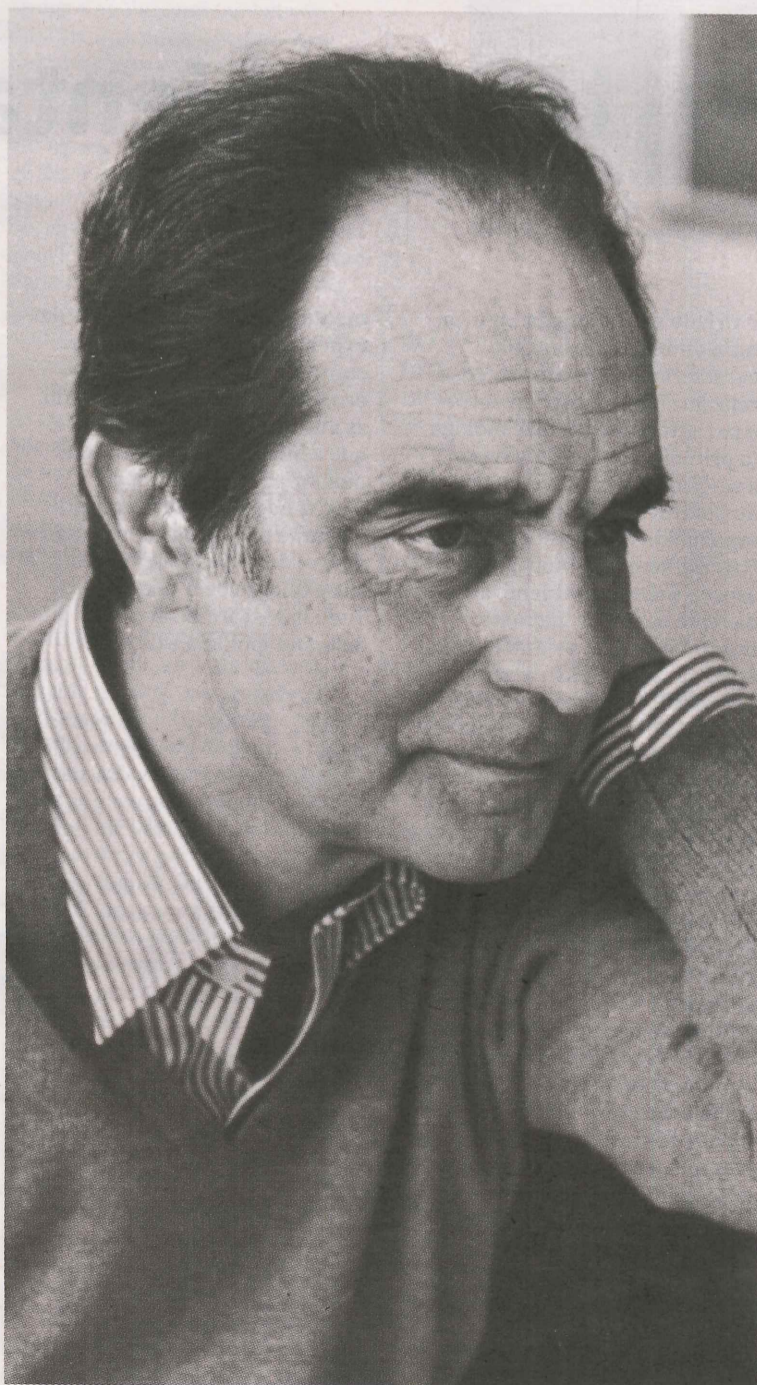
JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS

N

Numa carta que enviou a Claudio Milanini, datada de 27 de julho de 1985, Italo Calvino declara ter uma relação neurótica com a autobiografia. Certamente por isso, a quem lhe pedia informações sobre a sua vida, dava com frequência dados inventados ou alterados, isto é, ficcionados, pois, como se sabe, era um hábil desestabilizador de ideias feitas, um viajante imaginário, criador de equívocos, falsas pistas e surpresas, como a sua obra amplamente demonstra.

Desta tendência manipuladora, “auto-fabuladora”, de que resulta mais ocultação do que exibição – inserida numa tradição fantástica que vai de Dante a Borges, mas que não chega à mitomania, aproximando-se da atitude oclusiva de escritores como Thomas Pynchon – resultam dúvidas quanto a aspetos biográficos de um escritor que se queria apresentar dividido em dois, tal como a sua personagem Medardo di Terralba (*O Visconde Cortado ao Meio*), mostrando apenas parte de si, e deixando a outra parte confundir-se com a sombra.

Assim, se há certezas quanto a factos que pela sua objetividade e conhecimento público são



Italo Calvino “Tendência manipuladora, auto-fabuladora, de que resulta mais ocultação do que exibição, inserida numa tradição fantástica que vai de Dante a Borges”

indiscutíveis, muitos outros – de natureza mais íntima e subjetiva – resvalam facilmente para o domínio da hipótese e da conjectura, pelo que nos apontamentos cronológicos que vão seguir-se, procurei ater-me ao que constitui a espinha dorsal biográfica do autor de *As Cidades Invisíveis*, e ignorar o restante, aquilo que mais interessa à curiosidade perversa e constitui o miolo mais saborosa de cada vida.

São factos assentes que Calvino nasceu em 15 de outubro de 1923, em Santiago de las Vegas, perto de La Habana, e morreu num hospital de Siena, na noite de 18 para 19 de setembro de 1985, vitimado por uma hemorragia cerebral pós-operatória. Entre estas datas decorre uma vida variada e rica, de que destacarei alguns factos e acontecimentos talvez menos conhecidos entre nós, ou que relevam no conhecimento da sua personalidade literária e artística.

A sua mais recuada infância decorre no ambiente mágico e palpitante de Cuba, em virtude de seu pai estar a trabalhar na ilha, como agrónomo. Se a permanência de Calvino em Cuba não tivesse durado apenas uns escassos dois anos (a família regressa a Itália, em 1925), poder-se-ia pensar que a presença forte do fantástico na obra calviniana tinham tido a sua origem mais remota na infância, numa paisagem natural e humana colorida, plena de magia, sonho e vibração sensitiva. Talvez assim não tenha sido, mas como os primeiros tempos de vida são fortemente marcantes no desenho mental que fazemos do mundo, e jamais desaparecem, esta hipótese genética não deverá ser descartada.

NOS ANOS DA SUA JUVENTUDE já vividos em Itália (San Remo), Calvino conheceu o ambiente tenso e as façanhas violentas e ululantes dos partidários mussolinianos, vistas da perspectiva socialista reformista, maçónica, pacifista e anticlerical que era a da sua família próxima, e imerso num ambiente de interesse pela ciência e o conhecimento. Muitos anos depois, declarou: “A minha experiência infantil não tem nada de dramático, vivia num mundo desafogado, sereno, tinha uma imagem do mundo variada e rica de cambiantes contrastantes, mas não a consciência de conflitos renhidos.”

Entre os anos 1935 e 1939, começa a sentir o prazer da leitura. Kipling (*O Livro da Selva*), marcou-o muito, tal como certas revistas e jornais humorísticos, sendo nessas leituras que, muito provavelmente, nasceu o sentido de humor e o gosto pela observação crítica distanciada, bem como a criação de situações bizarras que surgem na sua obra. À semelhança de outros escritores da geração anterior, como Pavese e Mario Soldati, atrai-o o cinema, passando a frequentar as sessões dos cine-teatros, quase diariamente, e fazendo mais tarde crítica de filmes.

Nos primeiros dois anos da guerra mundial, não se sentia ainda ideologicamente definido. Dedicou-se à escrita de poemas, narrativas breves e teatro, bem como ao desenho caricatural, tendo publicado alguns na famosa revista *Bertoldo*, dirigida por Giovanni Guareschi, o autor dos populares romances cujo protagonista era o sacerdote D.

Camilo, sempre em polémica amigável com o comunista Peppone. Inscreve-se em Agronomia, na Universidade de Turim, transferindo-se depois para Florença, frequentando com assiduidade a biblioteca do prestigiado Gabinete Vieusseux.

Matricula-se a seguir na Faculdade de Letras de Turim, onde se licenciou em 1948, com uma tese sobre Joseph Conrad. Mais por considerar os comunistas a força mais ativa e bem organizada, do que por razões ideológicas, em 1944, adere ao PCI e junta-se à divisão Garibaldi que atua nos Alpes Marítimos e participa na batalha de Baiardo, que virá a evocar em *Ricordo di una battaglia* (1974), e que serviu de base para o seu primeiro romance *O Atalho dos Ninhos de Aranha* (1946). Logo após o fim da guerra, colabora em vários periódicos, torna-se amigo de Pavese, mais velho do que ele e já com notoriedade literária, que o lê, aconselha e promove literariamente.

Começa a publicar em revistas importantes, como *Aretusa* e *Politecnico*, de Elio Vittorini, bem como no *Unità*

As narrativas de Calvino são excecionais exercícios de comicidade, paradoxo e non-sense, sempre veiculando perspetivas pessoais sobre a realidade, os labirintos da criação literária e o próprio escritor

(jornal de esquerda fundado por Gramsci). Em 1947 inicia colaboração com a editora Einaudi, na qual desempenhará ao longo dos anos várias funções, estabelecendo uma rede de relações com os principais intelectuais italianos da época. No ano seguinte, deixa a editora para trabalhar na edição do *Unità*, em Turim, mas em 1949 volta a trabalhar na Einaudi e, com Pavese e Vittorini, realiza significativas transformações gráficas e contedísticas em várias coleções da editora.

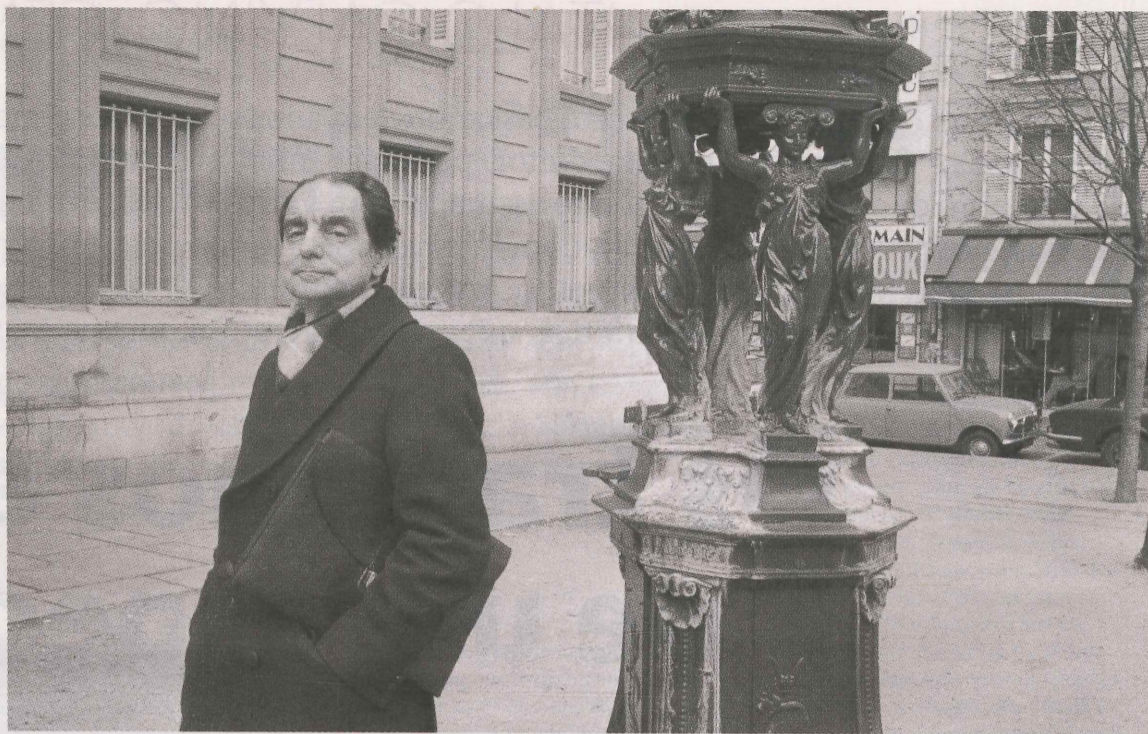
EM 1950, O SUICÍDIO DE PAVESE abala-o, mas prossegue com afinco o trabalho editorial, ciente da sua importância no esforço de consolidação da

Itália do pós-guerra, ainda fragilizada e dispersa. Delineia o projeto de que resultariam as *Fábulas e Contos Italianos*, cuja concretização viria a ter apoio do etnólogo Giuseppe Cocchiara. Publica o ensaio *Il midollo del leone*, de grande importância na definição da sua conceção de literatura. No crucial ano de 1956, participa intensamente nos debates políticos relacionados com a invasão da Hungria e do XX Congresso do PCUS. Dando largas à sua inclinação para o espetáculo, inicia a extensa colaboração com Luciano Berio que compõe a música para o seu conto mímico *Allez-hop*, e com o qual, em 82, conceberá a ópera *La vera storia*.

Viaja para os Estados Unidos, nascendo-lhe uma confessada paixão por Nova Iorque. Em 60 publica num único volume a trilogia *Os nossos Antepassados* e, nos anos seguintes, os fundamentais ensaios *Il mare dell'oggettività* e *La sfida al labirinto*, na revista *Menabò*, *Marcovaldo ou as estações na cidade*, *As Cosmólicas*, *T com zero* e *O Dia de um Escrutinador*. Revisita Cuba, onde conhece pessoalmente “Che” Guevara. Casa com Chichita, uma senhora argentina, e nasce-lhe a filha Giovanna. Em 66, participa, como observador, nas reuniões do neovanguardista *Gruppo 6*, conhece Raymond Queneau, que o introduz no importante grupo “Oulipo” (*Ouvroir de littérature potentielle*), como membro estrangeiro. Em 84, publica *Collezione di sabbia e participa*, com Borges, num colóquio sobre literatura fantástica, em Sevilha. No ano seguinte, prepara para publicação o importante conjunto de entrevistas que fez a Maria Corti. Entre 1969 e a sua morte, saem alguns dos seus mais conhecidas e importantes obras narrativas, desde *O Castelo dos Destinos Cruzados* até *Palomar*. Já postumamente sai o imprescindível conjunto de conferências *Six Memos for the Next Millennium*.

As narrativas de Calvino são excecionais exercícios de comicidade, paradoxo e non-sense, sempre veiculando perspetivas pessoais sobre a realidade, os labirintos da criação literária e o próprio escritor que, através das suas personagens, num permanente jogo de espelhos, olha o espetáculo do mundo, construindo uma obra que se converte numa combinatória “autobiografia de um espectador”. JL

*José Manuel de Vasconcelos, advogado, é poeta, ensaísta e crítico, vice-presidente da direção da Associação Portuguesa de Escritores



Italo Calvino *Palomar*, “uma insistente pergunta acerca do estado do mundo, dos modelos para a sua compreensão, dos limites do conhecimento e da ação humana”

Um ambientalista

GIULIO FERRONI

■ Criado na Riviera da Ligúria, num ambiente de família caracterizado por uma intensa relação com a natureza, entre o pai agrónomo e a mãe bióloga (a primeira mulher, em Itália, a ser professora universitária de Botânica), e animado por uma lúcida racionalidade, Italo Calvino sempre olhou para o espaço e para o ambiente através da lente de um problemático iluminismo, sob o signo de uma esperança progressiva, rumo à construção de uma possível *civitas* humana aberta a uma relação viva e de confiança com a natureza.

Já desde a década de 1950 que ia representando, em algumas obras, os conflitos e as contradições determinados por um desenvolvimento industrial premente, e também certos casos de alteração e degradação ambiental, sob o signo de um espírito ao mesmo tempo crítico e fantasioso, mas sempre numa implícita perspetiva de correção, enquadrada num horizonte social progressivo. Assim, por exemplo, em alguns contos da série *Marcovaldo ou As estações na cidade* (1963) ou, sobretudo, em *A formiga argentina* (1952), *A nuvem de smog* (1958) e *A especulação imobiliária* (1963).

Quando chega à obra-prima *As cidades invisíveis* (1972), Calvino está a oscilar entre dois polos: por um lado, o relevo civil da cidade e a

medida humana do espaço e da experiência, forma basilar de controle racional e progressivo do caos natural; por outro lado, as ameaças externas e internas que a minam, o seu eventual pendor para a excrescência, para uma expansão anormal, ou então para uma compressão dentro de si mesma, que levará à sua explosão ou à sua corrosão. Tudo isto expresso através de uma topologia e de uma

topografia fantásticas, num jogo de metaforizações e de mapas verbais desenhados a partir de uma variada combinatória de estruturas e modelos.

É UMA FAÇANHA INVENTIVA extraordinária, que consegue configurar imagens fulgurantes e inquietadoras da contradição insanável que fica contida no desenvolvimento e naquilo que, com um tempo sugerido por Roger Caillois, pode ser definido como hipertelia, o excesso das coisas, da produção, da urbanização, do desperdício.

Assim, o ilimitado incremento de virtude e perfeição da cidade de Bersabeia (*As cidades e o céu*. 2) projeta-a duplamente para fora de si mesma, num duplo celeste e num duplo subterrâneo. Continuamente forçada a acumular, Bersabeia é ao mesmo tempo continuamente forçada a descartar, a deixar cair, tanto que no seu zénite “gravita um corpo celeste que resplandece com todo o bem da cidade, encerrado no tesouro das coisas deitadas fora”. O verdadeiro sentido da vida, nesta cidade, resolve-se na evacuação: o seu legado histórico e cósmico reside em dar vida a um ilimitado planeta de resíduos, sempre em crescimento.

Mas a subsequente cidade de Leónia (*As cidades contínuas*. 1) é a cidade que se renova

Os conflitos e as contradições de um desenvolvimento industrial premente, e casos de alteração e degradação ambiental, sob o signo de um espírito crítico e fantasioso, sempre numa implícita perspetiva de correção, enquadrada num horizonte social progressivo

► sempre a si mesma, descrita de um modo que nos parece alertar precocemente (1972!) para o risco final que correm as nossas cidades, esmagadas pelos desperdícios de uma produção e de um consumo desenfundados, de uma economia apostada em criar coisas inúteis e resíduos, e que só se poderá desenvolver se continuar a expelir os resultados do que foi anteriormente produzido. Renovando-se sempre por inteiro, Leónia expulsa incessantemente o lixo que se acumula ao seu redor e pressiona as cidades vizinhas, até ao momento final em que por ele será esmagada e submersa.

O TEMA DO LIXO FOI ABORDADO por Calvino, também com referência direta à relação singular que cada pessoa comum com ele pode estabelecer, no mais normal dos quotidianos. Trata-se de um texto autoirónico e mordaz, acerca dos cuidados diários que o próprio escritor tem de ter com o caixote do lixo, quando está em Paris, intitulado *O caixote do lixo credenciado*. Redigido entre 1974 e 1976, saiu na revista *Paragone* de fevereiro de 1977. A necessária familiaridade com o lixo surge aqui como dado inevitável e determinante da existência, um exercício que põe em jogo a relação com o mundo, mesmo com resíduos que vêm de longe. Trata-se, em suma, de um olhar desencantado sobre o mundo e sobre o meio ambiente, que pode ser semelhante ao do Senhor Palomar, a personagem que observa e descreve a realidade para a compreender, no último livro que Calvino publicou em vida, *Palomar* (1983).

Este livro refere-se às coisas e às situações mais correntes, como que numa insistente pergunta acerca do estado do mundo, dos modelos para a sua compreensão, dos limites do conhecimento e da ação humana. A problemática ambiental não é abordada frontalmente, mas o seu relevo transparece da discricção e da lateralidade do observador, na sua paciente incidência sobre a vida social, sobre o comportamento humano, sobre o mundo animal e vegetal e sobre os espaços terrestres e celestes.

Palomar mostra-nos que o mundo e o seu destino se compreendem e se questionam, precisamente por escaparem a qualquer imersão imediata no seu movimento, a qualquer pretensão de fazer parte dele, consumindo-o. JL

*Giulio Ferroni, prof. de literatura italiana da Universidade de Roma La Sapienza, crítico e ensaísta

Um olhar sobre Portugal

RITA MARNOTO

◀ Italo Calvino foi um viajante entusiasta. Correu os quatro cantos do mundo, mas nunca veio a Portugal. Contudo, ao longo das suas páginas encontram-se referências dispersas a Portugal, e no seu acervo, que desde 2021 está depositado na Biblioteca Nazionale de Roma, há diversas traduções de autores portugueses. Os aspetos antropológicos e artísticos sobre os quais se detém, e o modo como o escritor, ensaísta e cinéfilo constrói os seus *travellings* iluminam-se mutuamente.

UMA EMPREGADA PORTUGUESA

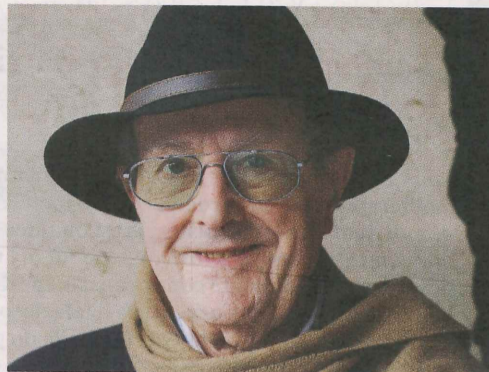
Em 1967, Calvino transfere-se para Paris com a esposa, Esther Singer, e a filha do casal, Giovanna Calvino. A morte do inseparável amigo Elio Vittorini, ao lado do qual levava a cabo intervenções decisivas para a cultura italiana do pós-guerra, abalara-o profundamente, e o seu estilo de vida altera-se. “Tornei-me um rato de biblioteca”, desabafa. Na casa da Square de Châtillon, 14.º e arredores, entrega-se à escrita e às suas leituras de consultor editorial. Passa cerca de metade do ano em Itália e todos os meses vai uma semana a Turim para trabalhar na Einaudi.

Numa entrevista que faz parte da reportagem *Italo Calvino. Um homem invisível*, de 1974, quando lhe é perguntado como gere a distância que o separa de Itália e da língua italiana, o seu idioma de trabalho, responde:

“A minha família é multilíngue. A minha esposa fala espanhol, o espanhol de Buenos Aires. A minha filha, com oito anos, frequenta a escola pública, fala francês, o parisiense de uma escola popular. Eu falo sempre em italiano, [...] um italiano básico, para ter a certeza de que sou compreendido. A mulher que vem fazer as limpezas de manhã fala português, só sabe falar português, uma língua que nenhum de nós conhece.”

Esta Babel parisiense faz-se espelho límpido da sua forma de estar no mundo e de um dos valores mais fortes que a sustém, a multiplicidade, aliás tema de uma das Seis propostas para o próximo milénio. Na ótica de Calvino, o mundo é uma galáxia de possibilidades que incita à procura do conhecimento, por entre as redes de diferenças e semelhanças que nele se alojam, sempre a requererem escolhas que irão potenciar novas combinações.

Também o português da empregada de Paris, que ninguém entende, aí tem o seu lugar, como gotícula de um universo múltiplo e potencial.



Manoel de Oliveira, Fernando Pessoa, Francisco de Holanda e Luís de Camões “Conhecer Oliveira foi a experiência humana mais interessante do Festival [de Veneza].”

MANOEL DE OLIVEIRA A ligação de Calvino ao cinema é-lhe intrínseca. As salas de cinema fascinavam-no e publicou um sem número de apreciações filmicas, todas elas fulgurantes. Tinha particular admiração pela velha guarda de Hollywood, reconheceu o talento de Totó em momento precoce, apesar de não apreciar a comédia à italiana, e em 1974 preficiou o livro de Fellini *Quatro guiões* com o conto-ensaio *Autobiografia de um espectador*. Quando, em 1981, foi presidente do júri do Festival de Veneza, quis que os jurados vissem os filmes a concurso com o público, para se darem conta das reações.

Nesse ano, em Veneza, a discussão foi dura, sem que nenhum dos prémios tivesse sido atribuído por unanimidade. O Leão de Ouro coube a *Anos de chumbo*, de Margarethe von Trotta, e o Leão de Prata a *Eles não usam black-tie*, de Leon Hirszman, e a *Sonhos de ouro*, de Nanni Moretti, ex aequo, seleção que gerou grande controvérsia.

No seio dessas agitações, vale-lhe a distinção do português que fazia parte do júri, Manoel de Oliveira:

“Conhecer Oliveira [...] foi a experiência humana mais interessante do Festival. Homem de idade, realizador de poucos filmes, muito diferente de todos os outros membros do júri, Oliveira, que vem de um mundo bastante isolado como o é Portugal, deu sempre pareceres muito pessoais sobre os filmes.”

Ao que acrescenta o seu apreço

por Francisca, exibido *hors concours*. “Devia chegar às plateias o mais depressa possível”, comenta.

FERNANDO PESSOA A imagem do cristal, modelo de organização e constância, e da chama, modelo de agitação, é convocada por Calvino em várias ocasiões. A associação binária de ideias ou representações que, se reduzidas ao seu sentido nuclear, se excluíam mutuamente, é estratégia recorrente. Através dela, instiga o diálogo de opostos, sondando o espaço intersticial deixado em aberto.

Em As cidades invisíveis cada prega irradia, na sua sombra, outros mundos que se multiplicam, convocando a descoberta, a reelaboração da experiência e o discurso (...) A projeção de uma utopia que só pode ser descontínua e pulverizada — ou seja, pulverizolare, como a designa

A criança que cresceu entre os arquivos com fichas de plantas e seres vivos que o pai, agrónomo, e a mãe, estudiosa de botânica, organizavam com minúcia, inclina-se para o cristal. Contudo, o escritor que frequentou o curso de Agrária e acabou por se licenciar com uma tese sobre Joseph Conrad não esquece a chama. Mais tarde, em Paris, Calvino assistirá aos seminários de Roland Barthes e integrará o grupo Oulipo, com Le Lyonnais, Queneau e Pérec, que explorava combinações de literatura e matemática.

A interseção entre o cristal e a chama mostra-lhe que, mesmo das funduras da entropia, podem emergir zonas de ordem onde se esboçam perspectivas geométricas. E a obra literária é um desses espaços privilegiados, “em que o existente se cristaliza numa forma”, mas sem se fixar na rigidez mineral.

Fernando Pessoa é um dos poetas do início de século que, pela exatidão com que as suas facetas refletem a luz, elege modelo de perfeição. Calvino possuía, na sua biblioteca, as traduções publicadas por Luigi Panarese e por Antonio Tabucchi e Maria José Lancastrre.

FRANCISCO DE HOLANDA Nas tensões entre visão negativa e visão positiva do mundo, Italo Calvino tende para o segundo polo. No romance *As cidades*

➤ *invisíveis*, em Berenice a cidade justa vive na injusta, e em Raissa a cidade feliz na infeliz. Cada prega irradia, na sua sombra, outros mundos que se multiplicam, convocando a descoberta, a reelaboração da experiência e o discurso. Não obstante, o escritor sabe como é inviável contrapor uma alternativa drástica à condição histórica. Resta, pois, a projeção de uma utopia que só pode ser descontínua e pulverizada — ou seja, *pulviscolare*, como a designa.

O Calvino perscrutador da harmonia é um *reviewer* do neoplatonismo renascentista. Nesse quadro, o Giordano Bruno da pluralidade e da infinitude de mundos, juntamente com Michelangelo Buonarroti, são os eixos do seu mapa. Mas o seu Michelangelo, mais do que o autor dos sonetos e das cartas, é a personagem dos *Diálogos em Roma*, de Francisco de Holanda.

Holanda cria uma sobrevida do artista italiano que cava fundo na especulação neoplatônica renascentista. O passo dos *Diálogos* no qual Michelangelo nota que “cada um está, sem ele o saber, pintando este mundo, assim no gerar e produzir cá novas formas e figuras, como no vestir e vários trajos”, é tão significativo para Calvino, que o cita mais de uma vez. O mundo torna-se obra da criação humana, através da arte, da comunicação e do ato.

Quando o Senhor Palomar lê essas linhas de Holanda, converte-as na sua chave de interpretação do mundo. O passo fá-lo a sentir a responsabilidade das formas que o rodeiam, tornando-o parte delas. O mundo está nas mãos do humano. Italo Calvino tinha a tradução dos *Diálogos* de Laura Marchiori.

LUÍS DE CAMÕES O escritor da utopia *pulviscolare* não podia deixar de admirar a atmosfera rarefeita da poesia de Giorgio Caproni, pouco conhecida em Portugal. A resistência de Caproni ao conceito de nada, que infiltrava boa parte do pensamento contemporâneo, era particularmente congénere a Calvino.

Ao escrever, em 1980, uma resenha à sua poesia, Calvino cita, para desenvolver a sua dialética, uma “extraordinária” composição atribuída Camões e, em particular, o verso em espanhol *todo es poco lo posible*. Aquilo a que o nada se contrapõe não é o todo, comenta, mas o pouco. Um todo inexorável opor-se-ia à multiplicidade que é condição da possibilidade da história. O possível requer o pouco, e o pouco será sempre escasso para a infinitude de mundos a serem potenciados.

O verso *todo es poco lo posible* podia até ser do próprio Calvino. Mas pouco importa que seja de Luís Camões ou de Italo Calvino. JL

Porquê ler Italo Calvino?



A PAIXÃO DAS IDEIAS

Guilherme d'Oliveira Martins

Italo Calvino foi um interrogador de mitos através da literatura, tendo-se dedicado, ao longo da vida, a descortinar os vários mistérios escondidos no Jardim dos caminhos que se bifurcam, que Jorge Luís Borges descreveu genialmente com a capacidade de iludir os leitores, dando-lhes porventura o falacioso conselho de que Teseu não teria tido necessidade do providencial fio de Ariadne para conseguir a proeza que o celebrou no labirinto do Minotauro. Sabemos, porém, que um tal parecer era falso, cabendo ao narrador construir com imaginação o modo de tornar a história verosímil... Daí a paixão para com Ulisses de gerações incontáveis de leitores.

E Calvino lembra-nos que as aventuras marítimas da *Odisseia*, no regresso a Ítaca, foram uma “rápida sucessão de encontros com seres fantásticos (que surgem nos contos populares do folclore de todos os tempos e países: o ogre Polifemo, os ventos encerrados no odre, os encantos de Circe, as sereias e monstros marinhos)”, que contrastam “com o resto do poema, em que predominam os tons graves, a tensão psicológica, o crescendo dramático gravitando em torno de um fim: a conquista do reino e da esposa assediados pelos Prócidas”. Estamos perante o mito de todas as viagens e aventuras. E se o herói épico tradicional era o paradigma das virtudes aristocráticas e militares, Ulisses não é só isso, sendo também “o homem que suporta as experiências mais duras, os trabalhos, a dor e a solidão”. Mais do que um lutador contra bruxas e gigantes, monstros e comedores de homens, foi alguém que usou a inteligência e o artifício.

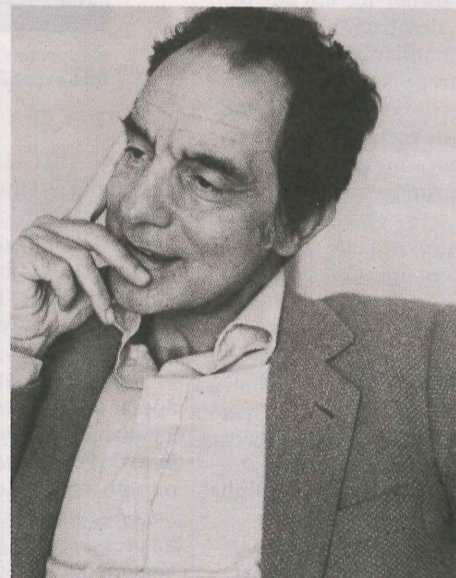
Para Italo Calvino, a memória constituía o fator essencial para a compreensão da realidade humana. Lembremos a criança que aprendia de cor os poemas de Montale, “poesias sedimentadas na memória”. Os clássicos servem para compreender quem somos e onde chegámos e o escritor considerava indispensável um cosmopolitismo que permitisse pôr em diálogo as culturas nacionais e estrangeiras, já que as identidades se enriquecem pela comparação entre diferentes situações. E quem são os clássicos senão aqueles que constituem objeto de estudo nas classes escolares? O longo prazo é assim o fator crucial de relevância.

Como um dia afirmou Umberto Eco, quem lê e quem recorda o passado diferencia-se de quem não o faz, pois estes podem viver apenas o tempo que lhe é dado pela vida terrena, enquanto quem lê e estuda o passado pode viver o correspondente a cerca de seis mil anos que é o tempo das civilizações históricas que conhecemos. Contudo, a consideração dos clássicos não deveria centrar-se na preocupação de saber se “servem” para alguma coisa, preferindo dizer o escritor que “a única razão que se pode aduzir é que ler os clássicos é melhor que não ler os clássicos”. E perante a objeção de que não valeria a pena tanto trabalho, Cioran lembrava que “enquanto lhe preparavam a cicuta, Sócrates pôs-se a aprender um ária de flauta”. Mas para que servirá? — perguntaram-lhe. “Para saber mais esta ária antes de morrer”.

LEITOR PROLÍFERO, RECORDA A PERSONAGEM referencial de Ulisses, tornado paradigma clássico europeu, mas conduz-nos ainda pelos caminhos apontados por autores tornados cultores emblemáticos da memória clássica, como Stendhal. Obras como *A Cartuxa de Parma* e *O Vermelho e o Negro* constituem exemplos de narrativas próximas do nosso tempo que reinterpretam acontecimentos em que a história repete preocupações ancestrais do género humano. Fabrício Del Dongo e Julien Sorel ilustram o período romântico correspondente às guerras napoleónicas. Mas Fabrício não é Julien, sendo maior a complexidade psicológica deste, havendo semelhanças dele com o caso de Alexandre Farnese, futuro Papa Paulo III, na configuração da narrativa. E Balzac consideraria a *Cartuxa* como uma obra fundamental, comparável na inovação dramática e influência social à obra maior de Maquiavel.

Italo Calvino concordava, afirmando: “O que faz da *Cartuxa de Parma* um grande romance ‘italiano’ é o sentido da política como ajustamento calculado e distribuição dos papéis: com o príncipe que enquanto persegue os jacobinos se preocupa em poder estabelecer com eles futuros equilíbrios que lhe permitam pôr-se à

cabeça do iminente movimento de unidade nacional”. Deste modo, as personagens desenhadas por Stendhal, Fabrício, Gina Sanseverina e Clélia desenvolvem a sua ação sedutora num panorama que anuncia o Ressurgimento italiano. E Calvino verifica a existência de “uma espécie de acordo miraculoso entre a massa de felicidade e de prazer que irrompeu em Milão com a chegada dos franceses e a nossa alegria de leitura: o efeito narrado coincide finalmente com o efeito produzido”. E assim a obra de arte ganha pleno sentido para os leitores do romance, que revivem com entusiasmo os acontecimentos históricos como puro prazer e exaltação da leitura na representação artística, graças ao talento de Stendhal.



Italo Calvino “A memória constituía o fator essencial para a compreensão da realidade humana”

A CADA PASSO, NA INVOCAÇÃO DAS GRANDES OBRAS, há sempre segredos por descobrir. E Italo Calvino não se poupava a tais esforços, como no caso dos *Dois Hussardos*, de Tolstoi, escritor tão avaro na revelação dos instrumentos de construção da narrativa. E aí o que se encontra? “A plenitude da vida tão gabada pelos comentadores de Tolstoi — neste conto como no resto da sua obra — é a constatação de

uma ausência. Tal como no narrador mais abstrato, o que conta em Tolstoi é o que não se vê, o que não se diz, o que poderia existir e não existe”. E são estas realidades que revelam os segredos escondidos numa qualquer obra de arte, em especial clássica. Afinal, a vida e a complexidade dos destinos levam-nos a perceber que é o aparente não sentido que revela a essência da ação.

E sobre Pasternak, autor da estirpe de Poe, Dostoiévski e Kafka, o escritor italiano, que tinha saído do partido Comunista em 1957 e escrevia em 1958, ano da atribuição do Prémio Nobel ao autor russo, afirmou que o autor de *Doutor Jivago* advertiu provavelmente para que “a história não era suficientemente história, como construção consciente da razão humana, sendo sobretudo desenrolar de fenómenos biológicos, estado de natureza bruta e não reino das liberdades”. Restaria saber se tal foi compreendido e se a então União Soviética estaria a ponto de tirar consequências desse alerta...

A vasta obra literária deixada por Italo Calvino juntou a lucidez histórica, o realismo e a fantasia, recriando narrativas memoráveis como as *Cidades Invisíveis*, onde o diálogo entre Marco Polo e Kublai Kan se traduz na revelação de um deslumbrante panorama, rico em sentido de imaginação e na descoberta do desconhecido. JL

A vasta obra literária deixada por Italo Calvino juntou a lucidez histórica, o realismo e a fantasia, recriando narrativas memoráveis como as *Cidades Invisíveis*

Calvino (e Borges) na Teorema

CARLOS VEIGA FERREIRA



Italo Calvino e Jorge Luís Borges num café, em Paris

Para recordar e celebrar o centenário do nascimento de Italo Calvino, foi-me pedido, por um grande amigo, um pequeno texto. Disse logo que sim, tendo para mim próprio que só poderia escrever sobre a difícil e prodigiosa aventura que foi publicar mais de vinte títulos desse genial e versátil escritor, um dos grandes do nosso tempo, que se dedicou com igual qualidade à ficção, à crónica, ao ensaio, ao jornalismo, etc. Ao mesmo tempo, entregou-se desde muito jovem à ação política – foi *partisan* nos últimos tempos da II Guerra Mundial – e militou ativamente no Partido Comunista, que veio a abandonar em 1957. Mas, em 1964, quando casou em Havana com Chichita Singer, uma argentina que conhecera uns anos antes em Paris, aproveitou a ocasião para um longo e

interessante encontro pessoal com Che Guevara! De resto, Calvino nasceu em Cuba, em Santiago de Las Vegas onde o seu pai trabalhava como engenheiro agrónomo.

Logo que aceitei o encargo, apercebi-me de que não conseguiria escrever um texto linear e, por isso, tenho que seguir por alguns caminhos que se bifurcam.

Cheguei a Lisboa a meio dos anos 60 do, hoje, já tão antigo século XX, para estudar Ciências Sociais, na universidade, e literatura, no Monte Carlo, café onde tive a sorte de pousar logo à chegada, em virtude, e que virtude, de o mesmo se situar a pouco mais de 100 metros da casa para onde na altura fui viver. Não o sabia, então, mas fui cair literalmente num caldo de cultura, como depressa percebi. Era um local frequentado por muitas e desvairadas gentes, como a Lisboa de outros tempos, mas entre os muitos com quem gostava de conviver e convivi estavam escritores,

alguns dos nossos maiores – relembro, pela saudade, Carlos de Oliveira, Herberto Helder, Augusto Abelaira, José Cardoso Pires – jornalistas, como o fundador deste jornal e tantos que nele colaboraram, e cineastas (como esquecer o João César?), editores, tradutores e bravos praticantes de outras artes, das quais a menor não seria a da conspiração (na memória de todos, estava a entrada de alguns elementos da GNR a cavalo, café adentro, na sequência do comício, violentamente reprimido, de Humberto Delgado no Liceu Camões, a poucos dias das eleições de 1958).

Isto para dizer que foi aqui que encontrei Calvino, nas edições da Portugália, e devorei, digo bem, devorei *O Visconde Cortado ao Meio*, *O Barão Trepador* (no Brasil, corre com outro título e, por isso, os brasileiros sorriam quando viam a minha edição na Feira do Livro) e *O Cavaleiro Inexistente*. Sobre ele tive longas conversas com o Carlos, o Herberto e tantos outros, e posso dizer que me marcou e influenciou tanto o meu percurso como os maravilhosos anos de aprendizagem das letras e da vida naquele extraordinário enclave do Saldanha.

NA MESMA ALTURA – isto anda tudo ligado – li o extraordinário conto *O Aleph*, de Jorge Luis Borges, e mais tarde, logo que saí na sua editora argentina, em 1974, a *Obra Completa*, então num só volume. Também ele se tornou um fiel e constante companheiro. Já se verá porque é que este aqui entra agora.

EM OUTUBRO DE 1985, associei-me ao meu velho amigo Carlos Araújo na Teorema, editora que ele fundara em 1973 e que tinha acabado de reativar. Entre os primeiros livros que publi-

cámos, estavam os três acima citados que integravam a trilogia *Os Nossos Antepassados*. Entretanto, a editora atravessou um período de crise e turbulência e a partir de 1988, fiquei sozinho a traçar o seu futuro editorial.

Decidi, de imediato, retomar a publicação de Calvino e, depois de algumas dificuldades que agora não vêm ao caso, consegui os direitos de dois títulos – *Palomar* e *Seis Propostas para o Próximo Milénio*, obras exemplares, entre tantas. Para as traduzir, fui buscar José Colaço Barreiros que tinha conhecido – lá está – no Montecarlo, no final dos anos 60. Não parei mais e, com o Zé Colaço, que entretanto se tinha tornado “o tradutor” de Calvino, o que lhe valeu o Prémio Nacional de Tradução e, mais importante, um prémio italiano para tradutores de Calvino de todo o mundo, publiquei uns 25 títulos

Não parei mais e, com o José Colaço Barreiros, que entretanto se tinha tornado “o tradutor de Calvino” (Prémio Nacional de Tradução), publiquei uns 25 títulos do grande escritor, passando a ser o editor estrangeiro que mais títulos seus publicou

do grande escritor, passando a ser o editor estrangeiro que mais títulos seus publicou.

DEPOIS, ENTRA MANSAMENTE NA HISTÓRIA J. L. Borges. Que tem ele a ver com Calvino? Além das óbvias afinidades eletivas e das cordiais relações que manteriam, pelo que se vê na foto em que conversam os dois, num café de Roma, o facto de os direitos da sua obra, longo tempo indisponíveis devido a um longo litígio em volta da sua herança, terem ficado livres e geridos pela mesma agência que os de Calvino: Wylie, Aitken and Stone, agência com que tinha excelentes relações e muitos contratos firmados. Assim e ao mesmo tempo que negociava mais alguns títulos de Calvino, negociei os direitos das *Obras Completas* de Borges e chegamos a um acordo.

Aqui, mais uma peripécia. Passadas umas duas semanas do dito acordo, recebi um fax, instrumento hoje quase pré-histórico, do temível agente Andrew Wylie a informar-me de que tinha saído daquela sociedade e que agora era a sua própria agência que detinha os direitos desses dois

autores e, por isso, os contratos tinham de ser renegociados. Enchi-me de coragem e *contra-faxei-lhe* (diz-se?) que supunha que o Wylie que figurava no nome da Agência era ele próprio e por isso não havia nada a renegociar e o que estava acordado, acordado estava. Confesso que foi com algum nervosismo que aguardei resposta, mas, pouco depois, deu-me razão e enviou-me os contratos já assinados por ele para serem assinados por mim. E de novo aparece o Colaço Barreiros que traduziu grande parte da prosa das *Obras Completas*, enquanto Fernando Pinto do Amaral se encarregou da poesia. Depois, publiquei tudo o mais de Borges que não estava incluído nas *Obras Completas* e, até, tudo o que escreveu em parceria com outros autores.

E foi assim a vida editorial destes dois gigantes naquela que foi a minha casa durante tantos anos. A tarefa de os dar a ler em português não parecia possível para uma editora pequena e com tão poucos recursos como a Teorema. Mas era. E foi. Italo Calvino morreu em 1985. Borges, mais velho 24 anos, faleceu no ano seguinte em Genebra. JL



PRÉMIO
ISABEL M. AGUIAR BRANCO E SILVA



Patrocínio

Fundação Eng. António de Almeida

Para Professores de Português

Quinta Edição

Edital de Abertura

Promovido pelo Centro de Literatura Portuguesa e apoiado pela Fundação Eng. António de Almeida, o Prémio Isabel Maria Aguiar Branco e Silva tem o valor pecuniário de 3000 Euros (1º lugar), 1500 Euros (2º lugar) e 1000 Euros (3º lugar).

O Prémio destina-se a honrar a memória de um nome que se destacou no domínio do ensino das línguas e a estimular a apresentação de propostas didáticas centradas nos conteúdos literários que figuram nos Programas de Português, que se encontram em vigor à data da publicação do presente Edital.

Podem apresentar-se a concurso professores de Português do 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário.

O prazo para a apresentação de originais decorre entre os dias 02 de outubro de 2023 e 31 de janeiro de 2024.

Para mais esclarecimentos, os interessados devem consultar o Regulamento do Prémio que se encontra disponível no sítio do Centro de Literatura Portuguesa (www.uc.pt/fluc/clp).